

AS RELAÇÕES ENTRE OS GOVERNOS E A CONSTITUIÇÃO DO ESPORTE: UMA ANÁLISE COMPARADA ENTRE BAHIA E RIO DE JANEIRO

CORIOLANO P. DA ROCHA JUNIOR*¹

No início do século XX, as duas primeiras capitais do Brasil viviam situações distintas. Enquanto o Rio de Janeiro era a sede do governo brasileiro e a mais importante cidade do país, Salvador, que tinha sido a cidade sede do poder, passava por uma fase de decadência, identificando-se com os “ares” dos séculos passados, tempos em que viveu seu auge. Nesse cenário, “a Bahia se viu progressivamente afastada do exercício mais efetivo do poder, resultando disso a tristeza por já não possuir influência comparável a que tivera no Império” (LEITE, 2005, p.298).

Por ser a capital brasileira, o Rio de Janeiro era o centro da política e da economia, lócus de tensões marcantes na transição de séculos, cujas ocorrências mais notáveis foram a abolição da escravidão e a instalação da República. Nesse quadro, essa cidade se urbanizava mais rapidamente do que a Bahia² e tentava se projetar adiante nos novos tempos, procurando afastar-se de um Brasil colonial, enquanto Salvador, mesmo querendo avançar, não deixava de olhar o período imperial com certa nostalgia.

No Rio de Janeiro de então, o espaço urbano, os comportamentos, gostos e valores estavam em transformação. Buscava-se um alinhamento com as mudanças que vinham ocorrendo na Europa: a “imagem do progresso – versão prática do conceito homólogo de civilização – se transforma na obsessão coletiva da nova burguesia” (SEVCENKO, 2003, p.41).

Diferentemente, a Bahia se prendeu à expectativa de reencontrar as mesmas forças que possuía na época imperial, buscando “o resgate da opulência do passado e as tentativas de recuperação do status” (LEITE, 2005, p.25). O que se viu foi um apelo ao seu passado de “glórias”, decorrente do sentimento coletivo que considerava o estado e Salvador “injustiçados” diante das novas realidades nacionais, reclamando-se a retomada de uma época

¹ * Doutor em História Comparada; Professor Adjunto da UFBA.

² Ao longo deste texto, ao usarmos o nome Bahia, estaremos nos referindo diretamente a sua capital Salvador. Reconhecemos que é nela que se concentravam as forças políticas e econômicas, mesmo não sendo um pólo produtor, seja na agricultura, seja na indústria. Além disto, na época abordada neste estudo, as próprias definições territoriais do estado da Bahia estão ainda bastante difusas. Exemplo disto são as ações do governo estadual para definição de limites territoriais, como aparece no *Diário de Notícias* em 10 de janeiro de 1914, p.1 (com Sergipe) e em 22 de agosto de 1916, p.1 (com Minas Gerais). Tavares (2001) também trata esse assunto.

em que fora chamada de “Rainha do Norte”³. Efetivamente, como sugere Leite (2005, p.227), se:

durante o Império a Bahia foi uma província poderosa, com o avançar da República foi se tornando uma mera coadjuvante nas orquestrações políticas — ao hábito de dominar sobreveio a tendência de ser dominada, realidade que feriu duramente a orgulhosa sensibilidade das elites baianas.

Foi entre fins do século XIX e início do século XX que o esporte viveu sua fase de implantação e busca de consolidação de sua prática, como uma experiência corporal que representava os ideais da modernidade. Por conta disso, foi nesse período que se constituíram as primeiras iniciativas de ligação entre a atividade esportiva e a classe política, vista na figura de seus maiores representantes. Nesse contexto, nos centraremos na figura do Prefeito Pereira Passos e também do Presidente da República Rodrigues Alves ao tratarmos o Rio de Janeiro e do Governador J.J. Seabra ao nos referirmos a Bahia.

O estabelecimento da existência ou não de uma relação entre a classe política e a prática esportiva pode ser vista no envolvimento direto dos políticos com as atividades, ou numa convivência mediada pelas entidades dirigentes. Assim, entender o papel da participação política, na constituição do esporte nas cidades pode ajudar a análise do próprio desenvolvimento esportivo do Rio de Janeiro e de Salvador.

Tanto no Rio de Janeiro quanto na Bahia era de interesse dos que detinham o poder reconhecer e afirmar que o esporte proporcionava ganhos. Assim, o esporte poderia ser utilizado como um elemento a auxiliar a constituição de uma nova sociedade. Com isso, a atividade esportiva era um cenário possível, senão ideal, para que a classe política atuasse e fizesse reverberar seus projetos para cada uma das cidades.

Ao analisarmos as relações do poder político com o esporte, identificamos uma diferença importante entre as duas cidades. No Rio Janeiro, Pereira Passos e Rodrigues Alves viram na prática esportiva um espaço de ação; na Bahia, J.J. Seabra não atuou da mesma forma. Além da ação pessoal e do envolvimento desses dirigentes com as várias modalidades, devemos reafirmar o próprio peso político das localidades na ainda recente República brasileira.

³Segundo Leite (2005), o termo era usado por diversos personagens baianos para designar a Bahia em seus tempos áureos.

O Rio de Janeiro, na condição de Distrito Federal, era a mais importante cidade brasileira e, portanto, palco dos principais projetos de reforma, enquanto Salvador tornava-se um local já sem tanto peso e uma capital de menor representação no caldeirão da política e da economia do período, embora no aspecto cultural sempre tenha sido uma das mais significativas cidades brasileiras.

No Rio de Janeiro, Pereira Passos e também Rodrigues Alves logo entenderam que o esporte seria um importante aliado na constituição da almejada capital moderna, de hábitos e valores europeizados. Segundo Sevcenko (2008, p.570) Pereira Passos “estabeleceu o nexo entre a Regeneração, a modernidade e os esportes”. Ao analisar o Rio de Janeiro, Melo (2006, p.5) afirma que:

a transição do século XIX para o XX traria para o Rio de Janeiro novas dimensões. O desenvolvimento tecnológico pronunciado, a industrialização e a urbanização crescentes, o surgimento de uma burguesia nacional e um novo ordenamento político acabaram semeando as condições para o forjar de novos parâmetros culturais a partir da idéia de construção de um “projeto de modernidade”.

Em sua gestão, desde cedo Pereira Passos compreendeu o papel dos esportes em seu projeto de modernidade e assim, buscou se relacionar com as principais práticas esportivas, chegando a ser sócio de algumas agremiações, caso do *Jockey Club* (MELO, 2006). A presença de pessoas do governo nas atividades do turfe foi vista como fundamental para o desenvolvimento da modalidade, por pretensamente facilitar os desejados auxílios financeiros, além de reforçar a imagem da atividade (MELO, 2001). Além disso, o prefeito era sempre visto nas atividades e competições, não só do turfe, mas de esportes como o ciclismo e o futebol. Pereira (2000) afirma que Pereira Passos, ao ver que o futebol era também um elemento da modernidade, ajustado às transformações que fazia na cidade, prometeu interessar-se por este esporte.

Participar das cerimônias e eventos esportivos significava a incorporação de valores da pretendida modernidade e não só Pereira Passos agia assim, mas também Rodrigues Alves, já que segundo Needell (1993, p.65), eles

almejavam atingir a civilização por meio de mudanças concretas, de acordo com os modernos padrões europeus (ou seja, franceses). No entanto, enquanto tomavam essas medidas práticas, também compartilhavam com outros membros das elites [...] a paixão pelas mudanças simbólicas.

Essas mudanças simbólicas tratadas por Needell (1993) podem ser vistas no esporte, já que ele significava um novo conjunto de relações do homem com o meio e consigo mesmo. Na modernidade, vivenciar a prática esportiva como praticante ou como plateia significava assumir uma vida em espaço público, que se tornava um palco de consagração e experimentação de um novo modo de viver. Da mesma maneira, a exploração de novas formas de uso do corpo, exposto e tido como esbelto e saudável, eram também uma representação dos ideais modernizantes.

As ações de Pereira Passos na reforma da cidade ajudaram a atividade esportiva, pois, dentre outras coisas, facilitaram o deslocamento das pessoas aos espaços de prática e competição. O Prefeito também construiu equipamentos públicos específicos para os esportes, como o Pavilhão de Regatas. Além disso, vários bairros da cidade que passaram por reformas acabaram por tornarem-se locais de moradia da nova burguesia urbana – notadamente a área da zonal sul carioca, local de prática do remo e de vários clubes esportivos, o que serviu para aproximar ainda mais os cariocas da prática esportiva.

Nesse sentido e por ver que Pereira Passos percebeu a dimensão do esporte, Melo (2006) afirma que a relação estabelecida entre o Prefeito e essa “nova” prática cultural pode ser vista como uma ação inicial para a construção de uma política pública esportiva. Por outro lado, os clubes cariocas de remo e a Federação Brasileira das Sociedades de Remo perceberam que se aliar aos poderes políticos dominantes era uma importante estratégia para o seu próprio projeto de poder, que passava pela organização do esporte e pelo afã de representar as elites.

Embora atuasse em relação a todos os esportes, foi no remo que Pereira Passos agiu mais firmemente, tornando-se inclusive Presidente Honorário da Federação Brasileira das Sociedades de Remo (MENDONÇA, 1909), junto com o Presidente Rodrigues Alves.

Mendonça (1909) e Melo (2006) afirmam que Pereira Passos, através do Conselho Municipal, instituiu um auxílio financeiro anual a Federação Brasileira de Sociedades de Remo, que chegou a ser superior ao valor que fora pedido pela entidade. Além dessa ajuda financeira direta, Melo (2006, p.12) afirma que Pereira Passos também auxiliou o remo,

interferindo na Alfândega, de forma a tornar mais acessíveis as taxas de importação de embarcações, importantes para que as agremiações trouxessem da Europa barcos mais velozes, que propiciariam um espetáculo mais emocionante. Passos foi

comunicar seu entusiasmo com o remo e seus possíveis auxílios ao esporte diretamente em uma reunião da diretoria da Federação, o que animou bastante os representantes dos clubes e os remadores.

Com tudo isso, Mendonça (1909) afirma que Pereira Passos tornou-se o nome mais cultuado do esporte náutico no Brasil, exatamente por conta de seus serviços como Prefeito, que acabaram sendo úteis ao remo. As ações do Prefeito dialogavam com os princípios higienistas preconizados à época e representados pelo esporte. Foi com Pereira Passos que, no Rio de Janeiro, “o traçado irregular e acanhado das vielas, largos e becos da área central cedeu lugar aos amplos e retilíneos bulevares de monumental, símbolos da modernidade capitalista” (JESUS, 1999, p.21). Assim se privilegiava a circulação de ares e a mobilidade urbana, evitando concentrações e aglomerações, consideradas impróprias para uma cidade moderna (BENCHIMOL, 1990).

Mesmo que sua atuação favorecesse o remo, Pereira Passos não deixou de intervir nos espaços ocupados por alguns clubes. Para dar vazão ao andamento das obras, colocou abaixo algumas sedes náuticas, fato que sem dúvida gerou dificuldades para as agremiações. Para tentar sanar isso, o Prefeito construiu garagens de barcos para o Boqueirão do Passeio, o Vasco da Gama e o Internacional (MELO, 2001).

Com tudo isso, interessa-nos perceber que, no Rio de Janeiro, o remo ligou-se aos projetos de modernização da cidade, sendo um esporte que bem representava o ideário modernista. Assim, seu alinhamento ao projeto maior de Pereira Passos acabou favorecendo-o e facilitando seu desenvolvimento e circulação na cidade. A identificação dessa modalidade com a modernidade foi mesmo um alicerce no ímpeto do Prefeito de mudar a cidade. O remo ajudou a construir uma reforma nos hábitos e comportamentos dos que viviam na cidade. Nesse sentido, Melo (2001, p.101), assevera que,

mesmo que Pereira Passos dedicasse atenção aos clubes de remo, tal valor era concedido porque se enquadrava em seu projeto de modernização. Explicitamente se estabelecia uma relação de uso da imagem esportiva de acordo com esses fins. As reivindicações dos clubes eram atendidas se estivessem enquadradas nesse perfil e não se constituíssem obstáculos para projetos maiores.

Numa análise final das ações e do envolvimento de Pereira Passos, mas também de Rodrigues Alves com o esporte, notadamente com o remo, podemos concordar com Melo (2006b) que todo esse conjunto de atitudes e atividades foi, sem dúvida, uma embrionária

política pública esportiva e tal qual como ainda se vê na atualidade, motivada por uma troca de interesses.

Se não houve efetivamente a instalação de uma política pública, vista como a construção de um conjunto de proposições que visem ao acesso e à democratização do fenômeno esportivo, o trabalho de Pereira Passos e de Rodrigues Alves foi uma aproximação dos governos municipal e federal com o esporte. Tal fato ajuda-nos a compreender o potencial desenvolvimento esportivo do Rio de Janeiro, muito favorecido pelo envolvimento do poder público com a prática, haja vista a compreensão de que o esporte representava os ideários da modernidade e ajudava a educar novos corpos e novos homens, para uma nova sociedade.

Com tudo isso, procuraremos agora analisar Salvador e identificar se na capital baiana houve alguma ação política efetiva que tenha favorecido o desenvolvimento esportivo, centrando-nos no Governo de J. J Seabra.

Se, no Rio de Janeiro, foi possível até mesmo apontar um primeiro momento de políticas públicas para o esporte, em Salvador, ao contrário, o que observamos foi um vazio de ações do poder público em relação às atividades esportivas.

Em todo o processo referente ao início e efetivação da prática das modalidades em Salvador, pouco ou nada se viu de participação do governo estadual de J.J. Seabra, por mais que o Governador também estivesse executando seu projeto de modernização para a Bahia (mais fortemente em Salvador), assim como Pereira Passos fizera no Rio de Janeiro.

Se tomarmos por referência que, para a Bahia e todo o Brasil, o Rio de Janeiro foi o modelo de modernização a ser seguido, e acrescentarmos a própria experiência de J.J. Seabra em terras cariocas, onde viveu e atuou como ministro, fica ainda mais evidente a ausência de qualquer ação do Governador baiano que tenha contribuído com o esporte, ou mesmo que dele fizesse uso.

O fato de alguns clubes terem como fundadores membros da elite baiana, notadamente a pequena elite burguesa urbana de Salvador, que assim como o Governador desejava modernizar Salvador, nos leva a pensar que J.J. Seabra poderia estabelecer uma proximidade com o esporte, desenvolvendo algumas ações que colaborassem com sua prática, fato que não se deu e isso, por concordarmos com Genovez (1998)⁴ quando afirma que o esporte pode ser

⁴Texto sem paginação na edição eletrônica.

“... como um instrumento, entre tantos outros, utilizado para inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição”.

O máximo que podemos considerar acerca das iniciativas de J.J Seabra que, em algum aspecto, favoreceram o esporte foram as próprias obras de remodelamento e reforma urbana por ele empreendidas e isso, por conta do fato dos participantes das equipes esportivas locais fazerem uso de alguns desses espaços para seus treinos e/ou jogos. Ou seja, eram benefícios indiretos, já que as obras não tinham por fim o esporte, principalmente se considerarmos que esses espaços, a princípio, não deveriam ser usados para o esporte, e sim deveriam servir à municipalidade para fins de ocupação, mobilidade ou deleite.

Esse afastamento do Governador da Bahia do esporte aconteceu mesmo que os clubes, principalmente os de remo, operassem iniciativas de aproximação. Durante as regatas, que eram verdadeiras cerimônias, eventos sociais relevantes para a cidade, sempre havia um páreo com seu nome. Tal fato, além de simbolizar uma homenagem, também pode ser vista como uma forma dos clubes e da própria federação se aproximarem do poder público. Todavia, nem com isso Seabra desviou seus olhares diretamente para o esporte.

O máximo que se viu foi o Governador mandar confeccionar troféus ou medalhas para os vencedores do páreo em seu nome. Contudo, sequer comparecia ao evento, enviando sempre um representante, por mais que as regatas, à época, fossem um palco de celebração de uma modernidade onde a elite baiana, incluindo as mulheres, se fazia presente, assim como os populares.

Sendo assim, podemos considerar que os esportes na Bahia não alcançaram o mesmo nível de desenvolvimento do Rio de Janeiro. Dentre as causas, foi perceptível a falta de apoio à prática esportiva, seja com um financiamento direto, como fez Pereira Passos, seja com a ação de reformas que facilitassem as práticas. Ao contrário do Rio de Janeiro, as principais obras de J.J Seabra não aconteceram em locais da cidade próximos aos espaços esportivos. Com o tempo, a elite soteropolitana, de forma diferente da carioca, deslocou suas residências e espaços de veraneio para longe dos locais usados como praças esportivas.

REFERÊNCIAS:

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Pereira Passos: um Haussman tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Turismo e Esportes, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, 1990.

GENOVEZ, Patrícia Falco. O desafio do clio: o esporte como objeto de estudo da história. *Lecturas: Educación Física y Deportes*. Ano 3, Nº 9. Buenos Aires. Março 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd9/cli01e.htm>> e <<http://www.efdeportes.com/efd9/cli02e.htm>>. Acessado em: 18. mar.2013.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro. *Revista Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 13, n. 23, 1999, p. 17-39.

LEITE, Rinaldo C. N. *A Rainha destronada: discursos das elites sobre as grandezas e os infortúnios da Bahia nas primeiras décadas republicanas*. Tese (doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História, PUC-São Paulo, São Paulo, 2005.

MELO, Victor Andrade. de. *Cidade Sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. Remo, modernidade e Pereira Passos: Primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. *Revista Esporte e sociedade*, Niterói-Rio de Janeiro, n.3, p. 1-22, Jul-Out, 2006.

MENDONÇA, Alberto de. *História do Sport náutico no Brazil: ligeiro esboço*. RJ: FBSR, 1909.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1935*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL

9

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. In: SEVCENKO, Nicolau (org). *História da vida privada no Brasil 3*. 8ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

9